

## SEÇÃO X

# Atividade econômica: Indicadores mensais

## Sumário

**Leonardo Mello de Carvalho**  
Técnico de Planejamento e Pesquisa  
da Diretoria de Estudos e Políticas  
Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

leonardo.carvalho@ipea.gov.br

De modo generalizado, o nível de atividade desacelerou no final do ano passado. Os primeiros meses de 2019 não indicam que cenário tenha sofrido alterações significativas. Enquanto as informações provenientes da Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam recuo de 0,8% em janeiro, na comparação dessazonalizada, a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), também do IBGE, calcula um crescimento de 1% das vendas no varejo no mesmo período. Apesar do novo recuo da produção manufatureira, a demanda interna por bens industriais no segmento da transformação avançou 0,5% na margem. Portanto, a demanda interna mostra desempenho melhor que a produção industrial, como ocorrera no ano passado. Por sua vez, segundo o Indicador Ipea Mensal de Formação Bruta do Capital Fixo (FBCF), os investimentos cresceram 1,3% no primeiro mês do ano, impulsionados novamente pela importação de plataformas de petróleo – sem essas operações, teria havido uma queda. Em relação ao mês de fevereiro, com as informações disponíveis até o momento, a Diretoria de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea estima que a produção industrial tenha avançado 1,5% na margem, enquanto as vendas no comércio teriam recuado 2% ante o mês de janeiro. Em relação às perspectivas para os próximos meses, o balanço de riscos associado à trajetória da atividade econômica sugere um ritmo de crescimento ainda lento. Embora a melhora em alguns fundamentos continue dando sustentação para uma recuperação da demanda agregada, outros fatores tendem a retardar o ritmo de crescimento da economia. Além disso, a aprovação da reforma da previdência continua sendo condição necessária para a aceleração dos investimentos por meio da redução dos níveis de incerteza, e aumento da confiança.

## 1. Aspectos gerais

Após deixar para trás a pior recessão de sua história, a economia brasileira registrou crescimento modesto nos últimos dois anos, com altas de 1,1% em 2017 e 2018. Embora o ritmo de recuperação cíclica observado até o momento seja frustrante, o cenário macroeconômico segue apresentando evolução. Se, num primeiro momento, notadamente em 2017, o setor agropecuário assumiu a condição de “motor” da economia, observa-se que, a partir de meados de 2018, impulsionados por um início de recuperação da demanda interna, os demais setores produtivos passaram a apresentar maior contribuição para o resultado do produto interno bruto (PIB).

Uma série de fatores contribuiu para essa melhora na composição do crescimento. Em primeiro lugar, a estabilização do mercado de trabalho interrompeu o proces-

so de deterioração da confiança das famílias. Além disso, em um cenário com inflação bem-comportada e taxas de juros em patamares reduzidos, observou-se um processo de desalavancagem financeira dos agentes, tanto no crédito para pessoa física como para pessoa jurídica. Com isso, a redução dos níveis de inadimplência possibilitou a desobstrução do mercado de crédito, possibilitando uma série de melhoras nas condições de financiamento.

Apesar da melhora nas condições financeiras das famílias e das empresas, o ritmo de crescimento da economia continua sendo caracterizado pelo gradualismo. Embora os níveis de confiança tenham apresentado crescimento generalizado, particularmente ao longo do último trimestre do ano passado, grande parte desse avanço se deve ao componente expectacional, enquanto o sentimento em relação à situação presente segue com trajetória mais modesta. Uma parte da explicação reside no fato de que o ambiente econômico continua sendo caracterizado por níveis elevados de incerteza, impedindo que essa melhora nos fundamentos se reflita de forma mais intensa no lado real da economia. A expectativa em relação à aprovação de uma reforma da previdência tem contribuído para adiar possíveis projetos de investimento e, com isso, o desempenho modesto apresentado pelos setores produtivos tem sido insuficiente para acelerar a recuperação do mercado de trabalho.

Em especial, a trajetória da produção industrial segue desacelerando depois da greve dos caminhoneiros. Além de enfrentar restrições de ordem estrutural, associadas a baixos níveis de produtividade, o setor tem sido afetado por diversos choques negativos. Entre eles, o processo de desaceleração do crescimento mundial e a recessão da economia argentina tendem a reduzir o impulso proveniente das exportações, tornando o balanço de riscos para o resultado de 2019 mais adverso (ver quadro 1).

#### QUADRO 1

##### Balanço de riscos para o desempenho da atividade econômica (2019)

Positivos
Inflação bem-comportada e com expectativas ancoradas
Política monetária expansionista
Desalavancagem financeira das famílias e empresas
Condições mais favoráveis no mercado de crédito
Crescimento da captação de recursos no mercado de capitais
Manutenção da liquidez na economia internacional
Recuperação dos indicadores de confiança
Negativos
Níveis de incerteza em patamar elevado
Nível de ociosidade elevado
Ritmo lento de recuperação dos indicadores do mercado de trabalho
Ausência de graus de liberdade para a política fiscal
Crise da economia argentina
Desaceleração global
Aumento da confiança explicado pelo componente expectacional

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 2. Comércio

Após registrar alguma volatilidade nos últimos dois meses de 2018 devido aos efeitos da *Black Friday*, ocorrida em novembro, o comércio varejista iniciou 2019 com desempenho positivo. De acordo com os dados da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), do IBGE, o volume de vendas no conceito ampliado, que inclui automóveis e materiais de construção, avançou 1% em janeiro, na série com ajuste sazonal (ver tabela 2). Após a queda de 1,7% no período anterior, o resultado representou alguma surpresa positiva. Entre os segmentos, o bom desempenho foi bastante disseminado, com destaque positivo para as vendas de outros artigos de uso pessoal e doméstico, com alta de 7,2%. Já o segmento veículos, motos, partes e peças, que possui o segundo maior peso na pesquisa, avançou 5,7% na margem, interrompendo dois meses de forte queda.

De forma similar aos demais indicadores de atividade, desde abril de 2018, quando atingiu uma taxa 7%, a variação acumulada em doze meses segue desacelerando, chegando a 4,7% no mês de janeiro. Com base nos indicadores coincidentes divulgados até o momento, prevemos um recuo de 1,5% para fevereiro, na comparação dessazonalizada. Na comparação interanual, influenciada pela presença de dois dias úteis a mais, o resultado seria positivo, com aumento de 4,5%. Não levando em conta as vendas de veículos e materiais de construção, o comércio, no conceito restrito, recuaria 0,8% na margem e 2,2% contra fevereiro do ano passado (ver tabela 2).

TABELA 1

### Vendas no varejo: Evolução das taxas de crescimento

(Variação, em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRI <sup>2</sup>	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRI	No ano	Em doze Meses
<b>Comércio varejista restrito<sup>3</sup></b>	<b>3,1</b>	<b>-2,1</b>	<b>0,4</b>	<b>0,5</b>	<b>4,5</b>	<b>0,7</b>	<b>1,9</b>	<b>2,2</b>	<b>1,9</b>	<b>2,2</b>
<b>Comércio varejista ampliado<sup>4</sup></b>	<b>1,3</b>	<b>-1,7</b>	<b>1,0</b>	<b>0,3</b>	<b>5,8</b>	<b>1,7</b>	<b>3,5</b>	<b>4,4</b>	<b>3,5</b>	<b>4,7</b>
1. Combustíveis e lubrificantes	0,5	1,4	0,5	0,3	-2,9	0,1	1,3	-2,7	1,3	-4,5
2. Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	1,9	-0,3	0,6	0,7	3,1	1,5	2,3	2,1	2,3	3,7
2.1 Hipermercados e supermercados	2,0	0,1	1,1	0,9	3,6	1,9	2,7	2,4	2,7	4,0
3. Tecidos, vestuário e calçados	1,7	-3,8	0,1	-0,7	5,1	-1,4	-1,2	1,6	-1,2	-1,6
4. Móveis e eletrodomésticos	4,1	-4,9	0,4	0,2	1,6	-5,4	-2,7	-2,0	-2,7	-1,9
5. Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	2,6	0,3	-0,5	3,0	7,6	7,2	7,3	7,2	7,3	6,0
6. Livros, jornais, revistas e papelaria	3,0	4,9	0,2	-19,4	-32,4	-24,9	-27,3	-28,5	-27,3	-17,5
7. Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	-0,4	-6,5	8,2	-3,3	3,4	-3,2	1,6	0,8	1,6	-0,1
8. Outros artigos de uso pessoal e doméstico	9,6	-14,2	7,2	2,0	16,9	2,2	6,4	8,5	6,4	7,4
9. Veículos, motos, partes e peças	-2,4	-3,5	5,7	-0,4	12,8	7,2	8,7	13,5	8,7	14,3
10. Materiais de construção	-1,0	-0,3	0,1	0,4	1,3	-0,6	2,3	2,5	2,3	3,1

Fonte: PMC/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado por método X-13-ARIMA.

<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>3</sup> O indicador do comércio varejista (restrito) é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 8.

<sup>4</sup> O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

A confiança das famílias e dos empresários do setor varejista, de acordo com os dados da FGV, apresentou recuo em fevereiro. Enquanto o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) caiu 6,2 pontos percentuais (p.p.), o Índice de Confiança do Comércio (ICOM) perdeu 3,8 p.p. na margem. Embora ambos permaneçam próximos ao patamar que denota otimismo, grande parte desse resultado se deve ao crescimento do componente associado às expectativas (ver gráfico 1).

TABELA 2

**Vendas no comércio: Indicadores coincidentes e previsão para fevereiro**

(Variação em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Dez./18	Jan./19	Fev./19	TRI <sup>2</sup>	Dez./18	Jan./19	Fev./19	TRI	No ano	Em doze meses
Índice de confiança do consumidor	0,1	3,9	-0,5	9,3	6,4	8,7	8,1	7,7	8,4	4,6
Índice de volume de vendas supermercados	-1,1	-1,4	-0,6	-2,2	-2,6	-4,2	-4,1	-3,6	-4,2	-3,5
Índice de volume de vendas vestuário	3,1	-5,4	-1,1	-0,7	11,8	-5,2	-8,1	3,0	-6,6	-1,0
Índice de volume de vendas móveis e eletrônicos	-2,1	-3,2	-2,2	-5,8	-0,1	-6,1	-11,5	-5,2	-8,7	7,2
Emplacamentos autos + comerciais leves	-2,4	2,8	-0,3	-3,6	9,8	8,7	25,2	13,8	16,4	13,5
Índice de volume de vendas materiais de construção	4,3	1,7	0,5	6,7	8,9	12,3	8,4	9,9	10,4	-1,5
PMC (varejo restrito) <sup>3</sup>	-2,1	0,4	<b>-0,8</b>	<b>-0,3</b>	0,7	1,9	<b>2,2</b>	<b>1,5</b>	<b>2,0</b>	<b>2,2</b>
PMC (varejo ampliado) <sup>3</sup>	-1,7	1,0	<b>-2,0</b>	<b>-1,0</b>	1,7	3,5	<b>4,5</b>	<b>3,1</b>	<b>4,0</b>	<b>4,7</b>

Fonte: Ipea, IBGE, FGV, Serasa Experian e Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado por método X-13-ARIMA.

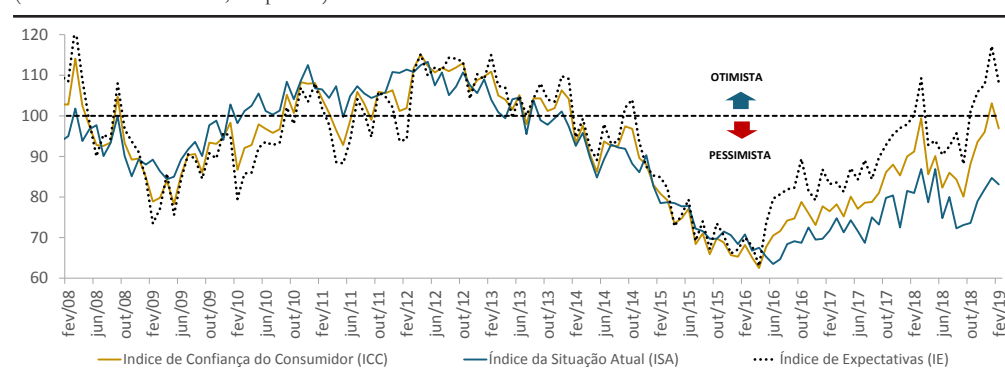
<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>3</sup> Os valores de fevereiro de 2019 referem-se à previsão do Ipea.

GRÁFICO 1

**ICC e componentes (fev./2008-fev./2019)**

(Índices dessazonalizados, em pontos)



Fonte: FGV.

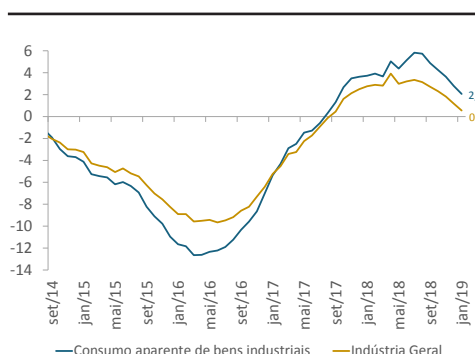
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

### 3. Indústria

O fraco desempenho da produção industrial tem sido um dos principais fatores por trás do crescimento modesto da atividade econômica. Embora a demanda interna tenha apresentado alguma recuperação ao longo de 2018, o setor manufa-

tureiro, segundo a pesquisa PIM-PF, encerrou o ano com alta de apenas 1,2%, após ter crescido 2,5% no ano anterior. Não obstante o bom desempenho dos segmentos bens de capital e bens de consumo duráveis, impulsionados pelo maior dinamismo no mercado de crédito, a produção industrial vem perdendo fôlego desde a greve dos caminhoneiros, ocorrida ao final de maio de 2018. Após registrar um crescimento de 3,9% em abril, na comparação acumulada em doze meses, a taxa vem caindo desde então, chegando a 0,6% em janeiro, após mais um recuo na margem (0,8%). Ao longo desse período, abriu-se um hiato entre o desempenho da produção industrial e das vendas no varejo, que acumulam até janeiro uma expansão de 4,7%. Parte dessa diferença pode ser explicada pelo comportamento do consumo aparente da indústria, segundo o qual a demanda interna por bens industriais segue mais de perto o desempenho do consumo, devido ao crescimento das importações. Em janeiro, o Indicador Ipea de Consumo Aparente de Bens Industriais apontou crescimento de 0,5% no segmento da transformação, na série livre de efeitos sazonais. O resultado positivo na margem, por sua vez, ocorreu de forma generalizada entre os grandes grupos econômicos (ver gráfico 2 e tabela 3).

**GRÁFICO 2**  
**Demanda de bens industriais versus produção industrial (set./2014-jan./2019)**  
 (Taxas de variação acumuladas em doze meses, em %)



Fonte: IBGE e Ipea.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

**TABELA 3**  
**Indicador Ipea de Consumo aparente de bens industriais**  
 (Variação em %)

	Contra Período Anterior Dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra Igual Período do Ano Anterior				Acumulado	
	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRIM <sup>2</sup>	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRIM <sup>2</sup>	No ano	Em doze meses
<b>Indústria Geral</b>	0,3	-0,9	-1,1	-1,9	-0,3	-4,7	-3,4	-2,7	-3,4	2,1
Extrativa Mineral	-2,9	21,2	-17,0	-2,5	-21,0	-6,4	-13,6	-13,7	-13,6	-8,4
Transformação	-0,2	-1,0	0,5	-1,5	1,0	-4,0	-1,3	-1,3	-1,3	3,4
<b>Grandes categorias</b>										
Capital	-3,5	-6,7	5,5	-7,5	8,4	-6,0	7,5	3,6	7,5	14,8
Intermediários	-0,5	-1,0	3,5	-1,3	-1,7	-3,7	1,0	-1,4	1,0	2,1
Consumo	-0,6	-3,0	1,5	-3,0	-1,1	-7,0	-4,9	-4,2	-4,9	0,7
Duráveis	-3,9	-6,1	4,4	-9,3	-3,9	-15,6	-7,8	-8,7	-7,8	6,3
Semi e não duráveis	0,3	-2,9	1,7	-1,5	-0,2	-5,0	-3,8	-2,9	-3,8	-0,6

Fonte: Ipea.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
 Notas:  
<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo método X13-ARIMA.  
<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

Uma outra explicação está na conjuntura internacional. A desaceleração do crescimento global, principalmente na Europa e, em menor intensidade, na China, afeta negativamente o crescimento do comércio mundial, derrubando as cotações das *commodities* e, com isso, prejudicando os termos de troca para a economia brasileira. Além disso, outro fator importante segue prejudicando as exportações da indús-

tria: a recessão da economia argentina. Sendo um dos países que mais importa produtos manufaturados do Brasil, com especial destaque para o setor automobilístico, a forte queda na sua demanda agregada afeta negativamente o desempenho da produção nesses setores (ver gráfico 3).

Por último, levando em conta a longa trajetória de estagnação da produção industrial após a recuperação da crise internacional de 2008, o setor segue enfrentando uma série de questões mais estruturais, associadas a baixa produtividade, margens de lucro comprimidas e custo unitário do trabalho elevado.

Com base no desempenho dos indicadores coincidentes divulgados até o momento, a previsão da Dimac/Ipea para a produção industrial – prévia da PIM-PF do IBGE – é de crescimento de 1,5% na comparação entre fevereiro e janeiro, na série com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior, a produção ficaria num patamar 3,4% superior, influenciada pela presença de dois dias úteis a mais. O destaque positivo ficou por conta da produção de veículos automotores que, de acordo com a ANFAVEA, subiu 10,4% em fevereiro, na série dessazonalizada. Já o nível de utilização de capacidade instalada (NUCI) na indústria de transformação, divulgado na Pesquisa Sondagem Industrial, da FGV, avançou 0,4 p.p. em fevereiro, atingindo patamar de 74,7% (ver tabela 4).

TABELA 4  
Produção industrial: indicadores coincidentes e previsão para fevereiro  
(Variação em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Dez./18	Jan./19	Fev./19	TRI <sup>2</sup>	Dez./18	Jan./19	Fev./19	TRI <sup>2</sup>	No ano	Em doze meses
Fluxo de Veículos Pesados	-2,0	1,8	-0,5	-0,5	-4,1	2,8	7,7	-0,2	5,2	0,6
Vendas de Papelão	-2,8	1,9	1,7	-1,3	-3,2	-0,8	3,6	-1,0	1,3	1,3
Produção de Veículos	-11,1	9,1	10,4	-1,8	-19,2	-9,4	20,5	-10,4	5,3	4,1
Importação de Intermediários	0,3	-2,4	-2,7	-1,2	-1,7	-2,4	0,4	-1,3	-1,1	2,0
Indicador de Confiança da Indústria	-0,1	2,7	0,8	2,4	-4,2	-2,3	-1,7	-3,1	-2,0	4,0
Nível Utilização de Capacidade	-0,5	-0,5	0,4	-2,0	-0,2	-0,6	-1,1	0,0	-1,1	1,2
Estoques	-0,9	2,0	-3,7	-0,3	5,4	9,0	3,2	6,4	6,1	-1,3
Produção Industrial <sup>3</sup>	0,2	-0,8	1,5	0,2	-3,6	-2,6	3,4	-2,3	0,3	0,7

Fonte: Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias (ABCR), Associação Brasileira do Papelão Ondulado (ABPO), ANFAVEA, Instituto Brasileiro de Economia (IBRE)/FGV.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Notas:

<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo método X13-ARIMA.

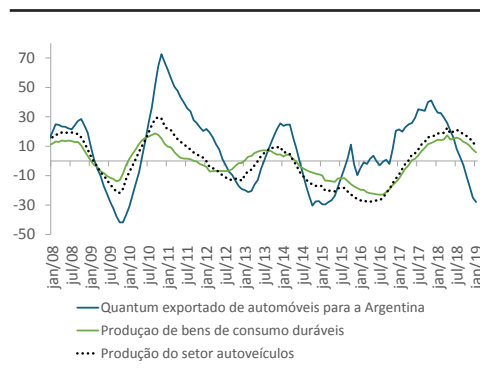
<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

<sup>3</sup> Valores de fevereiro de 2019 referem-se à previsão do Ipea.

GRÁFICO 3

Exportações de automóveis para a Argentina versus produção industrial (jan./2008-jan./2019)

(Taxas de variação acumuladas em doze meses, em %)

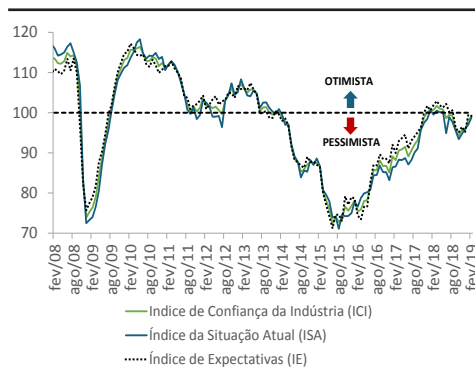


Fontes: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) e IBGE.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



Descolando um pouco da trajetória apresentada pela produção do setor manufatureiro nos últimos meses, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV voltou a subir, atingindo patamar de 99 pontos na série ajustada. Além da melhora no Índice de Expectativas (IE), a recuperação da confiança vem sendo acompanhada também pelo Índice da Situação Atual (ISA), que atingiu patamar de 98,8 pontos em fevereiro (ver gráfico 4).

GRÁFICO 4  
ICI (fev./2008-fev./2019)  
(Índice dessazonalizado, em pontos)



Fonte: FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 4. Investimentos

Em janeiro, o Indicador Ipea Mensal de FBCF avançou 1,3%, na série com ajuste sazonal, deixando um *carry-over* negativo de 0,3% para o primeiro trimestre de 2019. O resultado de janeiro foi influenciado pelo forte crescimento das importações de máquinas e equipamentos no período, especificamente das importações de plataformas de petróleo. Sem esse efeito, os investimentos teriam recuado 2,2% na margem. Já na comparação com o mesmo mês do ano anterior, o indicador atingiu patamar 5,8% superior àquele verificado em janeiro de 2018.

Entre os seus componentes, o consumo aparente de máquinas e equipamentos (Came) – cuja estimativa corresponde à sua produção doméstica líquida das exportações acrescida das importações – apresentou crescimento de 5,5% em janeiro, na série dessazonalizada. Assim como já havia ocorrido nos meses de fevereiro, julho, agosto, e novembro do ano passado, esse resultado foi bastante influenciado pelas operações de comércio exterior envolvendo plataformas de petróleo, estimuladas pelas mudanças no regime aduaneiro Repetro. Excluindo esse efeito, a consequência teria sido uma queda de 7,1%. De acordo com os componentes do Came, enquanto a produção interna de bens de capital líquida de exportações caiu 28,4%, a importação de bens de capital cresceu 115,9% na margem.

O indicador de construção civil, por sua vez, permaneceu estagnado na comparação dessazonalizada. Com isso, o trimestre móvel terminado em janeiro caiu 0,8% ante o período imediatamente anterior. No acumulado em doze meses, o resultado ainda é negativo em 3,3%. Embora o setor siga com fraco desempenho, o relatório divulgado pela Associação Brasileira de Incorporadoras Imobiliárias (Abrainc), juntamente com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), aponta que as condições gerais do mercado imobiliário melhoraram no quarto trimestre de 2018, com destaque para o avanço nos indicadores do ambiente macroeconômico e crédito imobiliário. Ainda segundo a Abrainc, os lançamentos de imóveis novos registraram crescimento de 33,5% em 2018. O resultado foi explicado pelas vendas de residências populares, relacionada ao programa Minha Casa Minha Vida.



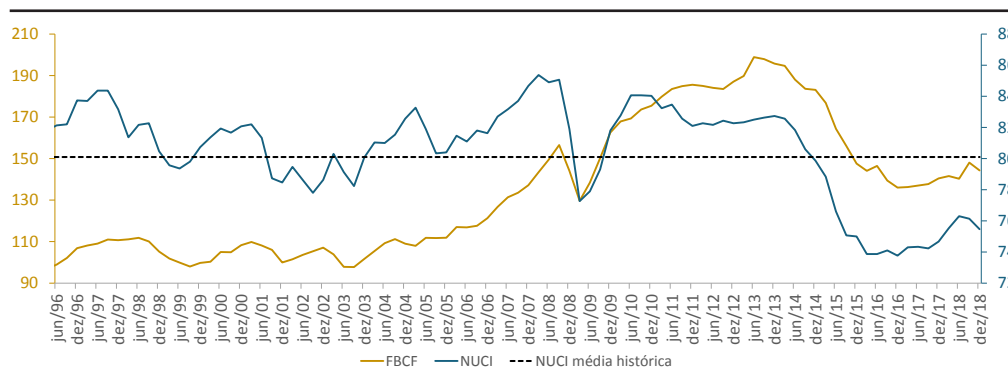
Em relação aos próximos meses, os níveis de incerteza ainda elevados devem restringir um crescimento mais intenso dos investimentos. Com o encaminhamento de questões importantes, como, por exemplo, a reforma da previdência, os bons fundamentos presentes na economia, juntamente com um cenário benigno de liquidez internacional, devem estimular as decisões por novos projetos. O comportamento da FBCF ao longo do tempo tem se mostrado pró-cíclico, mesmo nos momentos em que o nível de utilização da capacidade instalada encontra-se abaixo da sua média histórica, notadamente na saída das recessões (ver gráfico 5). Além do aumento dos gastos com a manutenção do capital, provocado pelo crescimento da demanda, a severa queda da FBCF ocorrida na última recessão pode ter gerado redução de produtividade, tornando necessários novos investimentos.

TABELA 5  
Indicador Ipea mensal de FBCF e componentes  
(Variação em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRIM <sup>2</sup>	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRIM	No ano	Em doze Meses
<b>FBCF</b>	-1,9	-1,4	1,3	-2,3	3,0	-0,9	5,8	2,6	5,8	4,3
<b>Máquinas e equipamentos</b>	-3,5	-6,7	5,5	-7,5	8,4	-6,0	7,5	3,6	7,5	14,8
<b>Produção líquida de exportações</b>	-25,9	20,2	-28,4	-20,6	-18,7	-8,1	-31,7	-20,0	-31,7	-0,8
<b>Importações</b>	65,3	-48,4	115,9	16,5	85,0	-5,0	147,4	73,8	147,4	56,0
<b>Construção civil</b>	-2,1	2,5	0,0	-0,8	-4,6	-4,0	-1,5	-3,4	-1,5	-3,3
<b>Outros</b>	-1,8	1,6	-0,1	1,0	2,5	5,9	5,5	4,7	5,5	4,8

Fonte: Ipea.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.  
Notas:  
<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo Ipea (método X-13).  
<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

GRÁFICO 5  
FBCF versus NUCI  
(Índice dessazonalizado, em pontos)



Fontes: IBGE e FGV.  
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

## 5. Serviços

Com base nos dados divulgados na Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), a oferta no setor recuou 0,3% em janeiro, na série sem efeitos sazonais. O resultado sucedeu um avanço de 1% em dezembro, e deixa um *carry-over* de 0,3% para o primeiro trimestre de 2019. Ao contrário do que ocorreu com a produção industrial, as infor-



mações da PMS apontam para uma trajetória levemente positiva da oferta de serviços no segundo trimestre do ano passado (ver gráfico 6). Ainda com base na série ajustada, entre os cinco grandes grupos que compõem a pesquisa, três avançaram em outubro, com destaque para o segmento serviços prestados às famílias, com alta de 1,1%. Entre aqueles que contribuíram negativamente para o resultado do mês, o segmento transportes, serviços auxiliares e correio recuou 0,6% na margem.

O setor de serviços segue liderando a criação de novos postos de trabalho, tanto formal quanto informal, como pode ser visto na seção Mercado de Trabalho desta *Carta de Conjuntura*.<sup>1</sup> Com relação ao comportamento do Índice de Confiança de Serviços (ICS), da FGV, após atingir o patamar de 98,2 pontos em janeiro, o indicador recuou para 96,5 pontos, no comparativo dessazonalizado. Enquanto o IE caiu 4,5 pontos, o ISA avançou 1,3 ponto em fevereiro, chegando a 90,6 pontos, o maior valor desde agosto de 2014 (ver gráfico 7). Por fim, de acordo com o Índice de Gerentes de Compras (*Purchasing Managers' Index* – PMI), que aumentou de 52,7 pontos em janeiro para 53,4 pontos em fevereiro, as empresas aumentaram a produção de maneira mais significativa e evidenciaram uma maior disposição para contratações.

TABELA 6  
**Serviços (PMS): evolução das taxas de crescimento**  
 (Variação em %)

	Contra período anterior dessazonalizado <sup>1</sup>				Contra igual período do ano anterior				Acumulado	
	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRI <sup>2</sup>	Nov./18	Dez./18	Jan./19	TRI	no ano	Em 12 Meses
<b>Total</b>	0,0	1,0	-0,3	0,3	0,9	0,4	2,1	0,9	2,1	0,3
<b>1. Serviços prestados às famílias</b>	0,4	0,1	1,1	0,7	3,2	3,1	4,5	3,6	4,5	0,9
1.1 Serviços de alojamento e alimentação	0,4	0,9	0,6	1,0	3,3	4,1	5,0	4,2	5,0	1,5
1.2 Outros serviços prestados às famílias	-0,5	-2,9	2,8	-1,6	2,0	-2,5	1,1	0,1	1,1	-3,0
<b>2. Serviços de informação e comunicação</b>	0,5	1,0	-0,2	1,5	1,3	2,8	3,4	2,1	3,4	0,3
2.1 Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	-0,4	0,7	-0,2	0,6	3,3	4,2	4,7	3,5	4,7	1,0
2.1.1 Telecomunicações	0,9	-0,7	1,6	0,6	0,4	-2,7	1,2	-1,2	1,2	-1,9
2.1.2 Serviços de Tecnologia da Informação	-2,0	3,1	-1,2	3,1	9,5	17,1	13,0	13,5	13,0	7,7
2.2 Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	6,6	4,9	-3,8	2,5	-10,2	-5,1	-5,4	-6,6	-5,4	-4,6
<b>3. Serviços profissionais, administrativos e complementares</b>	0,2	-1,6	1,7	-1,9	-0,9	-3,7	-0,4	-2,0	-0,4	-1,6
3.1 Serviços técnico-profissionais	-4,8	2,3	3,9	-3,5	-3,9	-8,3	-1,8	-5,5	-1,8	-1,1
3.2 Serviços administrativos e complementares	0,3	-0,6	-0,5	-0,9	0,0	-1,7	0,0	-0,7	0,0	-1,8
<b>4. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio</b>	0,3	-0,4	-0,6	-0,9	0,8	-0,3	0,8	0,4	0,8	1,0
4.1 Transporte terrestre	-0,7	1,6	-0,7	-0,9	-0,1	1,7	1,7	1,0	1,7	2,0
4.2 Transporte aquaviário	-1,3	-1,3	1,9	-1,4	1,0	0,2	1,2	0,8	1,2	-1,5
4.3 Transporte aéreo	-3,9	1,0	3,5	-4,0	6,4	0,3	5,4	4,1	5,4	4,5
4.4 Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	1,6	-1,2	-0,4	-0,1	0,4	-3,6	-2,0	-1,9	-2,0	-1,2
<b>5. Outros serviços</b>	0,4	0,0	4,8	4,3	3,8	2,4	5,7	3,9	5,7	2,2

Fonte: PMS/IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

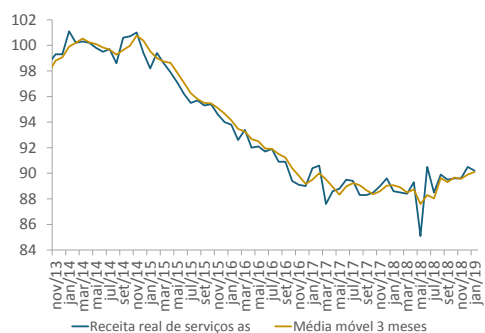
Notas:

<sup>1</sup> Sazonalmente ajustado pelo Ipea (método X-13).

<sup>2</sup> Trimestre terminado no mês de referência da divulgação.

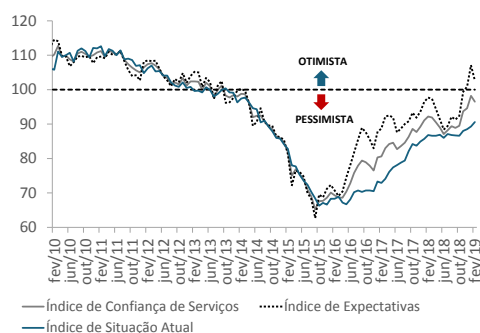
1. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/190320\\_cc\\_42\\_mercado\\_de\\_trabalho.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/190320_cc_42_mercado_de_trabalho.pdf)>.

GRÁFICO 6  
**Serviços (PMS): receita real de serviços e média móvel de três meses**  
 (Índices dessazonalizados, média de 2014 = 100)



Fonte: IBGE.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 7  
**ICS (fev./2010-fev./2019)**  
 (Índice dessazonalizado, em pontos)



Fonte: FGV.  
 Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.



## Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor  
Marco Antônio Freitas de Hollanda Cavalcanti – Diretor Adjunto



### Grupo de Conjuntura

#### Equipe Técnica:

Christian Vonbun  
Estêvão Kopschitz Xavier Bastos  
Leonardo Mello de Carvalho  
Marcelo Nonnenberg  
Maria Andréia Parente Lameiras  
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa  
Paulo Mansur Levy  
Vinicius dos Santos Cerqueira  
Sandro Sacchet de Carvalho

#### Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter  
Augusto Lopes dos Santos Borges  
Felipe dos Santos Martins  
Felipe Simplicio Ferreira  
Janine Pessanha de Carvalho  
Leonardo Simão Lago Alvite  
Matheus Rabelo de Souza  
Pedro Mendes Garcia  
Renata Santos de Mello Franco

---

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.